

## AUTOMEDICAÇÃO E INTOXICAÇÃO MEDICAMENTOSA EM CRIANÇAS

### SELF-MEDICATION AND DRUG POISONING IN CHILDREN

Leila de Jesus Alves<sup>1</sup>

Lucilla Silva Oliveira<sup>2</sup>

#### RESUMO

Os medicamentos são as substâncias que mais causam intoxicação. Em crianças esse fator é agravado pela condição do organismo em desenvolvimento, além disso o uso indevido de medicamentos em crianças pode acarretar graves consequências à saúde, levando em consideração que, medicamentos utilizados sem orientação por prescritor habilitado, podem mascarar doenças complicando ainda mais o tratamento. Alguns problemas que podem ser ocasionados pela automedicação são os riscos de intoxicação e reações alérgicas. Assim, o objetivo desse estudo foi investigar fatores que levam a intoxicação de medicamentos em crianças e automedicação mediada pelos responsáveis. Para o trabalho, foram realizadas pesquisas na literatura para construção de uma revisão bibliográfica do tipo descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, utilizando os dados apresentados no Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (SINITOX). Como resultado, foram encontrados maiores índices de intoxicação medicamentosa em crianças de 1 a 4 anos, enquanto que verificou-se que os medicamentos mais utilizados como automedicação em crianças, promovido pelos responsáveis são os analgésicos e anti-inflamatórios. Neste sentido, o profissional farmacêutico tem um papel essencial para uma automedicação responsável, já que é o profissional que possui conhecimentos necessários para fornecer informações sobre os efeitos nocivos, a fim de reduzir os riscos do uso indiscriminado de medicamentos, especialmente em crianças que necessitam dos cuidados de seus responsáveis.

**Palavras-chave:** Automedicação. Crianças. Intoxicação. Cuidado Farmacêutico. Assistência Farmacêutica.

#### ABSTRACT

Medications are the substances that most cause intoxication. In children, this factor is aggravated by the condition of the developing organism. In addition, the misuse of medicines in children can have serious health consequences, taking into account that medicines used without guidance from a qualified prescriber can mask diseases, further complicating treatment. . Some problems that can be caused by self-medication are the risks of poisoning and allergic reactions. Thus, the objective of this study was to investigate factors that lead to medication poisoning in children and self-medication mediated by guardians. For the work, literature research was carried out to construct a descriptive bibliographical review, with a qualitative and quantitative approach, using data presented in the National Pharmacological Toxic Information System (SINITOX). As a result, higher rates of drug poisoning were found in children aged 1 to 4 years, while it was found that the drugs most used as self-medication in children, promoted by those responsible, are analgesics and anti-inflammatories. In this sense, the pharmaceutical professional has an essential role in responsible self-medication, as he is the professional who has the necessary knowledge to provide information about harmful effects, in order to reduce the risks of indiscriminate use of medicines, especially in children who need the care of their guardians.

<sup>1</sup>Discente do curso de Farmácia da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia. e-mail: [leh.alvesj16@gmail.com](mailto:leh.alvesj16@gmail.com); <sup>2</sup>Docente do curso de Farmácia da Faculdade de Ilhéus, Centro de Ensino Superior, Ilhéus, Bahia. e-mail: [lucilla.s.oliveira@gmail.com](mailto:lucilla.s.oliveira@gmail.com)

<sup>2\*</sup> Autor correspondente

**Keywords:** Self-medication, Children. Intoxicacion. Pharmaceutical Care. Pharmaceutical Assistance.

## 1 INTRODUÇÃO

A automedicação é o uso de medicamentos sem prescrição por profissional habilitado, realizada de forma a trazer uma melhoria na qualidade de vida daqueles que necessitam de tratamento para seus sintomas, o que pode promover consequências graves para saúde. O uso incorreto de medicamentos por vezes ocasiona o agravamento dos sintomas, reações adversas, atraso no diagnóstico e intoxicações medicamentosas. A medida paliativa por vezes, não efetiva, através da automedicação, minimiza os sinais e sintomas, mas não resolve o problema que pode reaparecer mais agravante (Cella; Almeida, 2012).

A automedicação é um hábito comum no Brasil e é um assunto amplamente discutido. É definida como uma forma comum à saúde através do consumo dos medicamentos, com o objetivo de tratar, aliviar sintomas ou até mesmo de prover benefícios a saúde, por conta própria sem uma indicação por profissional (Correr; Otuki; Soler, 2011).

A automedicação pode ser dar através do ato de compartilhar os medicamentos com outros membros da família ou círculos sociais e utilizar sobras de medicamentos oriundos de prescrições, ou reutilizar antigas receitas. A automedicação é um grande problema na Saúde Pública. A Organização Mundial da Saúde (OMS), prevê que metade dos medicamentos prescritos ou vendidos são consumidos de forma inadequada (Medeiros et al., 2011).

A assistência farmacêutica (AF) é o conjunto de ações voltadas a promoção e recuperação da saúde, tanto individual como coletiva (Brasil, 2004). A atuação do farmacêutico através de orientações quanto automedicação consciente tem crescido e sido notada como fundamental para prevenir, identificar e resolver os problemas relacionados ao uso de medicamentos. Neste sentido, o profissional farmacêutico tem um papel essencial pois reúne conhecimentos necessários para fornecer informações sobre os riscos da automedicação e efeitos nocivos que determinados medicamentos podem causar, especialmente em crianças que necessitam dos cuidados de seus responsáveis (Brasil, 2018).

O Estatuto da Criança e do Adolescente define “a criança como a pessoa até os 12 anos de idade incompletos”. Desse modo, o significado genérico da infância está diretamente ligado às transformações sociais, culturais e econômicas da sociedade de um determinado tempo e lugar, que possui seus próprios sistemas de classes, de idades e seus sistemas de status e de papel social (BRASIL, 1990).

Por meio disso, esse estudo tem o objetivo de apresentar informações relevantes sobre a intoxicação medicamentosa em crianças e automedicação provocada por seus

responsáveis. Apresentando os fatores que levam a automedicação em crianças, discorrendo sobre a prática de uso de medicamentos e dados quantitativos de casos de intoxicação nesse público. Relacionando a importância do cuidado farmacêutico na automedicação.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo trata-se de uma revisão bibliográfica descritiva, com pesquisa em plataformas eletrônicas como: Google Scholar, *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *US National Library of Medicine National Institutes of Health* (NCBI/PubMed).

A busca pelos artigos foi realizada com os seguintes descritores em português e inglês: automedicação (*self-medication*) automedicação em crianças (*self-medication in children*), uso de medicamentos (*drug utilization*), intoxicação em crianças (*poisoning in children*).

Foram selecionados artigos publicados entre os anos de 2012 e 2022. Os critérios de inclusão foram artigos científicos publicados entre o período recorte de 10 anos, artigos que foram disponibilizados de maneira completa, publicado em inglês e português. Foram excluídos do estudo artigos que não contemplavam ao objetivo.

A coleta de dados foi realizada através da leitura do título e objetivos de modo a analisar o material bibliográfico em relação ao tema, quando pertinentes foram incluídos no estudo.

Além da pesquisa bibliográfica, o estudo também foi proveniente de coleta de dados quantitativos de série temporal, cuja base de dados foi a Rede SINITOX (Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas), disponível em: [www.fiocruz.br/sinitox](http://www.fiocruz.br/sinitox). Foram coletados dados referentes aos casos registrados de intoxicação por medicamentos em crianças menores de 1 ano até 14 anos em todo Brasil no período de 2013 a 2015. Os dados obtidos foram organizados e analisados com o auxílio do programa Microsoft Excel. Por se tratar de um banco de domínio público, não foi necessário submeter o projeto a um Comitê de Ética em Pesquisa.

## 3 REFERENCIAL TEÓRICO

### 3.1 AUTOMEDICAÇÃO

O termo automedicação foi inicialmente definido pela portaria nº 3.916 de 30 de outubro de 1998, como “uso de medicamento sem a prescrição, orientação e/ou

acompanhamento do médico ou dentista” (BRASIL, 1998). Tal definição é complementada por Amaral et al., (2014) que afirma: “A automedicação é a utilização de medicamentos por conta própria”. Essa prática é bastante comum em todos os tipos e classes de pessoas, sendo que a atuação do farmacêutico tem influências positivas na adesão ao tratamento e na minimização de erros quanto à administração dos medicamentos, já que esse profissional reafirma as orientações para o uso correto e suscitado pelos prescritores e avalia os aspectos farmacêuticos e farmacológicos que possam representar um dano em potencial para os pacientes (Soterio; Santos, 2016).

A automedicação também pode ser definida como o uso de medicamentos sem prescrição, utilizada para trazer uma melhoria na qualidade de vida daqueles que necessitam de tratamento para seus sintomas, na qual pode levar a consequências graves para saúde. O uso incorreto pode ocasionar o agravamento dos sintomas, reações adversas, atraso no diagnóstico e intoxicações medicamentosas (Cella: Almeida, 2012; Filho & Junior, 2013).

A automedicação é a utilização de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas para tratamento de doenças, com o objetivo de tratar ou aliviar sintomas e promover a saúde, independente da prescrição. Levando ao alívio de pequenos sintomas de indisposição do paciente, entretanto, pode ocasionar sérios riscos à saúde, como alergias, intoxicações e o principal de todos, o mascaramento da doença bem como alongar o tempo para a busca do serviço de saúde em situações com maior gravidade, particularmente, quando se trata de crianças (Lima et al., 2019).

A maioria desses medicamentos são administrados de maneira incorreta como por exemplo, em relação ao tempo e o intervalo de utilização, erros na dosagem ou ingerido com algum tipo de alimento que promove interação. Nos dias de hoje os responsáveis pelas crianças utilizam a automedicação para o conforto de sintomas como dores, febre e resfriado, comprando medicamentos livres de prescrição e abastecendo farmácias domiciliares (Filho & Júnior, 2013).

### 3.2 INTOXICAÇÃO MEDICAMENTOSA

A administração de medicamentos requer cuidados básicos, visto que os medicamentos são uma das principais substâncias indutoras de intoxicações exógenas, causando alterações fisiológicas no organismo. Os sintomas que caracterizam as intoxicações medicamentosas são diversos, sendo provocados por ingestão, inalação, aplicação injetável ou uso tópico de doses superiores ao efeito terapêutico. Os fatores que geralmente estão

associados as intoxicações medicamentosas são: automedicação, erro de prescrição, exposição acidental e utilização para fins diversos que não para tratamento (Gonçalves et al., 2017).

Desde 1994, relata-se que os fármacos são apresentados como os principais agentes tóxicos (Gonçalves et al., 2017). As intoxicações medicamentosas causam inúmeras consequências, entre as quais pode-se citar a morte ou graves sequelas (Oliveira; Silva, 2014).

O uso abusivo de medicamentos por conta de uma falta de conhecimento dos reais efeitos adversos que podem provocar, acarreta em muitas vezes nas intoxicações medicamentosas (Gonçalves et al., 2017) Em crianças muitos medicamentos podem causar intoxicações, visto que determinados princípios ativos alcançam rapidamente a dose letal nos organismos pediátricos, sendo uma farmacocinética única e de acordo com a idade e peso. Esses fatos ocorrem principalmente por um armazenamento inadequado em casa, facilitando o acesso a criança, ou através de uma posologia acima da recomendada de acordo com o peso da criança (Martínez-Sánchez et al., 2020).

### 3.3 AUTOMEDICAÇÃO EM CRIANÇAS

Automedicação é quando o indivíduo ou responsável decidem fazer uso de medicamentos sem prescrição médica, para aliviar sintomas ou tratar doenças. A automedicação em crianças, realizadas pelos responsáveis se dá no intuito de minimizar sinais e sintomas observados, utilizando prescrições antigas ou de filhos mais velhos (Silva, et al., 2018).

De acordo com alguns estudos, os principais medicamentos empregados na automedicação em crianças são: analgésicos, como dipirona e paracetamol, antigripais e xaropes expectorante, anti-inflamatórios e os antibióticos, que estão associados ao tratamento da dor e resfriados. Sendo esses os principais sintomas que resultam na automedicação em menores (Da Silva Gretzler, 2018).

É muito comum o hábito de armazenar medicamentos em casa, diante disso vale ressaltar que o mal armazenamento dos medicamentos causam alterações físico-químicas, afetando a qualidade do produto por exposição à luz, umidade e calor. O costume de guardar os medicamentos na cozinha, banheiro pode interferir e aumentar o risco do consumo de um medicamento fora das especificações de qualidade, afetando, portanto, na segurança do usuário, que pode ser intoxicado pela automedicação de um produto que se encontra em processos de instabilidade (Cruz et al., 2017).

Para Goulart et al., (2012), um dos fatores que facilitam a automedicação é a impossibilidade da criança receber atendimento médico. Muitas vezes a dificuldade de

deslocamento até o atendimento de saúde e a insatisfação pelo tipo de atendimento recebido são os principais obstáculos que incentivam a automedicação.

Mesmo os responsáveis conhecendo os riscos e perigos que expõe as crianças através da automedicação, são necessárias de forma constante ações educativas, instrutivas para os pais, fortalecendo a importância do cuidado no uso de medicamentos, de forma a minimizar os riscos da automedicação (Silva et al.,2018).

### 3.4 CUIDADO FARMACÊUTICO

A assistência farmacêutica (AF) é o conjunto de ações voltadas a promoção e recuperação da saúde, tanto individual como coletiva, tendo o medicamento como insumo essencial, visando ao acesso e ao seu uso racional. Este conjunto envolve a pesquisa e a produção de medicamentos, bem como programação, aquisição, distribuição, dispensação e garantia de acesso aos produtos. Diante de toda a responsabilidade dentro do ciclo de medicamentos, o termo Atenção Farmacêutica surge como uma interação direta do farmacêutico com o paciente, visando uso racional de medicamentos e obtenção de resultados definidos para a qualidade de vida desejada (BRASIL, 2004).

Nos últimos anos a definição de Cuidado farmacêutico ganhou espaço dentre as atribuições do farmacêutico no sistema de saúde. O cuidado farmacêutico deve ser um instrumento utilizado pelo profissional farmacêutico, a fim de promover o uso racional de medicamentos. A atuação do farmacêutico nesse cuidado tem crescido e sido notada como fundamental para prevenir, identificar e resolver os problemas relacionados ao uso de medicamentos, de forma a orientar o paciente e sua família (Batista et al., 2020).

O cuidado farmacêutico na pediatria tem promovido a racionalização das prescrições, diminuindo erros das medicações e ocorrência de efeitos adversos. (Angonesi e Servalho, 2010). O cuidado com a criança engloba direcionamento de orientações aos pais ou responsáveis para o acompanhamento infantil no uso de medicamentos, visto que o processo de metabolização e excreção na criança é menor do que em adultos. Assim, faz-se necessário intervir nas orientações de uso quanto a dose correta e formas de armazenamento. Cabe ao profissional farmacêutico lidar da melhor forma, para promover a disseminação de informações para o cuidado no uso de medicamentos em crianças (Pery, 2017).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um primeiro momento foram coletados dados referentes aos casos registrados de intoxicação por medicamentos nas faixas etárias de menor que 1 ano até 14 anos. Os dados

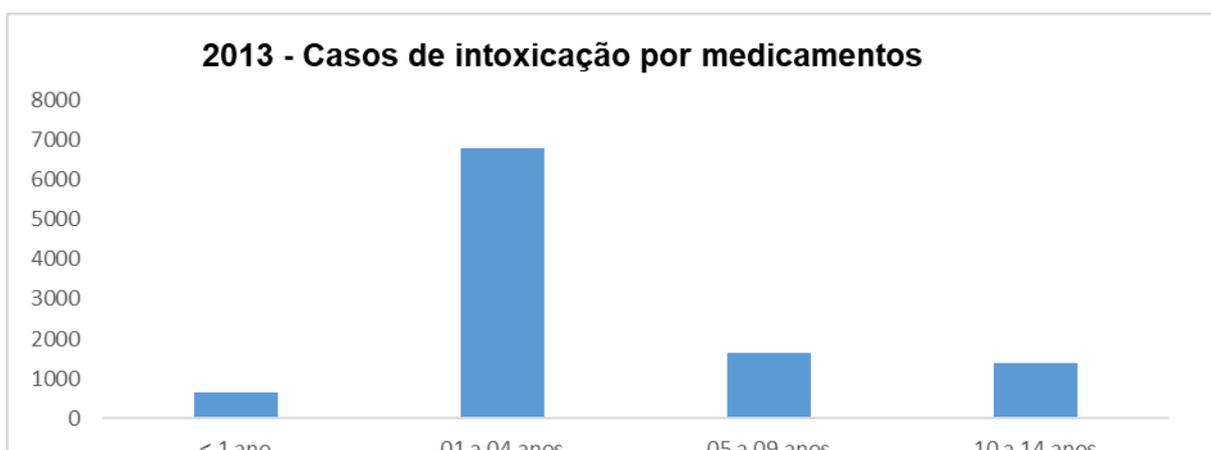
foram obtidos através do Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas (SINITOX). O quantitativo dos casos de intoxicação por medicamentos em crianças entre os anos de 2013 a 2015 estão apresentados no Quadro 1 e nas Figuras de 1 a 3.

**Quadro 1:** Quantitativo de intoxicação de medicamentos em crianças entre os anos de 2013 a 2015.

2013		2014		2015	
Faixa Etária	Nº de casos	Faixa Etária	Nº de casos	Faixa Etária	Nº de casos
< 1 ano	642	< 1 ano	868	< 1 ano	1103
01 a 04 anos	6772	01 a 04 anos	9167	01 a 04 anos	7831
05 a 09 anos	1640	05 a 09 anos	1739	05 a 09 anos	2033
10 a 14 anos	1391	10 a 14 anos	1214	10 a 14 anos	1329

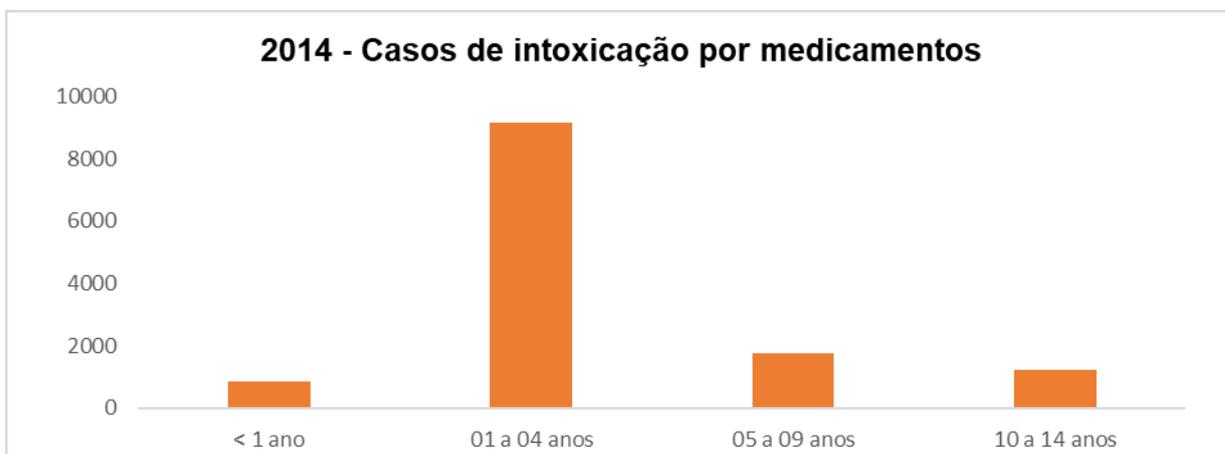
Fonte: MS/FIOCRUZ/SINITOX

**Figura1:** Casos de intoxicação por medicamentos em crianças no ano de 2013.

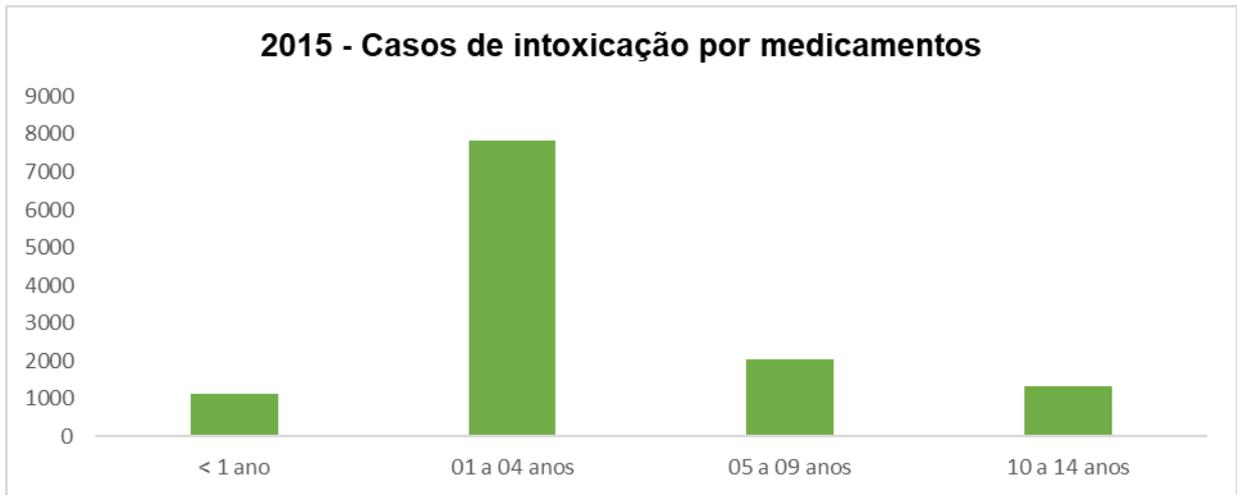


Fonte: MS / FIOCRUZ / SINITOX

**Figura 2:** Casos de intoxicação por medicamentos em crianças no ano de 2014.



Fonte: MS / FIOCRUZ / SINITOX

**Figura 3:** Casos de intoxicação por medicamentos em crianças no ano de 2015.

Fonte: MS / FIOCRUZ / SINITOX

Conforme evidenciado nos dados de intoxicação por medicamentos em crianças no Brasil, apresentado pelo SINITOX a faixa etária mais acometida é de 1 a 4 anos. Crianças nessa faixa etária apresentam maiores curiosidades e descobertas, adquirem habilidades para abrir armários, e são atraídas por embalagens e recipientes coloridos, como em algumas apresentações de medicamentos, podendo levar a intoxicações acidentais, o que justifica os maiores índices de intoxicação nessa faixa etária (Alves et al., 2003).

A automedicação é o ato de ingerir medicamentos pela iniciativa do enfermo ou de seu responsável, para que possa-lhe trazer benefícios no alívio de sintomas ou tratamento de doenças, dessa forma as prescrições e orientações médicas são substituídos indevidamente por sugestões de medicamentos por pessoas não autorizadas e não capacitadas para o fim, como familiares, amigos ou outros (Domingues et al., 2017). Mesmo que a prática de se automedicar seja entendida como uma “solução” para diminuição imediato de sintomas, leva a consequências mais perigosas do que se imagina, resultando em graves danos à saúde. Acarretando riscos ao paciente, o que influencia também nos custos de gastos com saúde pública devido as reações adversas, que aumentam os números de procedimentos e internações (Beckhauser, 2010).

A cultura de guardar os medicamentos na cozinha e no banheiro podem influenciar nesses riscos. Visto que a estocagem de fármacos em domicílio pode ter relação às intoxicações, inclusive acidentais, por isso deve-se ter cuidados criteriosos em residências com a presença de crianças (Cruz et al., 2017). Quanto à faixa etária, percebeu-se uma predominância de crianças menores de 4 anos como os grupos que sofreram maiores

quantitativos de intoxicações. Em crianças, a intoxicação por medicamentos é um problema de saúde de grau perigoso e integra uma das mais rotineiras emergências toxicológicas, sendo seu acontecimento devido a vários fatores. Estudos mostram um elevado índice de envenenamento de forma acidental na faixa etária de 0 a 4 anos (Souza et al., 2020). Visto que intoxicações de forma geral acometem todos os seres humanos expostos acidentalmente ou não, no entanto intoxicações medicamentosas acidentais acometem mais as crianças dessa faixa etária. (Silva et al., 2018).

A intoxicação é um efeito medicamentoso dose-dependente, variável com a predisposição individual do usuário e com as várias interações enzimáticas de indução ou inibição do metabolismo da droga. A intoxicação pode ser local (por exemplo, em pele e mucosas) ou pode ser sistêmica, dependendo das propriedades físico-químicas do tóxico, do seu mecanismo de ação e da via de exposição. O uso de uma substância tóxica que ocorre por ingestão de medicamentos em excesso ou acidentalmente provoca uma série de efeitos adversos e nocivos, afetando o equilíbrio do organismo (Cruz et al., 2017).

Os medicamentos mais frequentes usados em processos de automedicação são os analgésicos, antitérmicos, xaropes expectorantes, antigripais, antibióticos e anti-inflamatórios não-hormonais, grande parte destes medicamentos estão classificados como MIP's (Medicamentos Isentos de Prescrição). Os três mais utilizados são: paracetamol, ibuprofeno e dipirona. Os analgésicos e anti-inflamatórios são os fármacos que predominam na automedicação infantil e são apontados como tendo maiores índices de intoxicação (Klein et al., 2020).

Os principais agravos observados que levam a prática da automedicação em crianças são os episódios de gripe e resfriado, dores na garganta e tosse, verificado em pesquisa elaborada sobre a automedicação em crianças pelos pais, demonstrando que esse acontecimento é resultante principalmente, devido a sintomas de doenças respiratórias. São vários os fatores que contribuem para a automedicação, como a dificuldade ou ausência de locomoção, a distância entre os serviços de saúde e o domicílio, superlotação nas instituições de saúde, e a grande espera em filas (Matos et al., 2018). Segundo Martinelli (2012), o que mais leva pais e responsáveis para automedicação sem orientação ou prescrição de um profissional, muitas vezes é na urgência para resolver um sintoma de dor ou desconforto nas crianças, sendo o acesso fácil a medicamento para tratar sintomas indesejáveis. Isso também é o motivo para que os mesmos não concluam o tratamento, pelo fato do sintoma diminuir ou não se mostrar mais visíveis, considerar que não há necessidade de continuar com o tratamento, levando consequências do mecanismo de fármacos no organismo infantil.

A estratégia de automedicação não necessariamente é vista como uma abordagem ruim todas às vezes, visto que para alguns sintomas e situações menos graves, o indivíduo pode ter sua situação resolvida sem precisar recorrer a um profissional e aos hospitais, o que também gera menor sobrecarga no sistema de saúde. Sendo assim, algumas vezes a automedicação pode realmente aliviar os sintomas, deixar de gerar desconfortos, sem que para isso seja necessário recorrer a um meio oficial de saúde para orientação. Contudo, são importantes que sejam evidenciados os riscos que o medicamento pode oferecer e também os efeitos colaterais e as interações. Alguns desses podendo levar o paciente a óbito por erro no processo de uso do medicamento. Por isso, faz-se tão necessária a presença de profissionais da saúde capacitados e a assistência farmacêutica mostra-se muito relevante, estando presente nas orientações e acompanhamentos dos pacientes, para permitir uma automedicação responsável (Teixeira, 2021).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através desse trabalho pode-se inferir que a automedicação não é só um problema de saúde pública, mas também de hábitos culturais de utilizar medicamentos sem ser acompanhado por um profissional de saúde capacitado. Com isso destacamos a importância do farmacêutico, sendo ele um conhecedor técnico científico do assunto e imprescindível para orientar a população sobre a automedicação, alertando sobre os riscos e assim minimizando o uso indiscriminado.

Considerando as informações obtidas sobre automedicação, e os objetivos citados, podemos observar que a prática da automedicação é relativa ao uso inadequado de medicamentos, que pode resultar desde uma simples reação alérgica até um quadro grave de intoxicação, visto que ainda pode mascarar sintomas de uma doença mais grave. Na atualidade a farmácia é uma porta de acesso e elo de ligação do paciente ao profissional farmacêutico. Dessa forma, cabe ao farmacêutico com o seu conhecimento sobre os medicamentos orientar e conscientizar o responsável pela criança, a respeito dos riscos da automedicação.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Denilce Alcântara et al. Intoxicação medicamentosa em criança. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 16, n. 2, p. 10-16, 2003.

AMARAL, Odete et al. Automedicação em jovens e adultos da região Centro de Portugal. **Millenium**, n. 47, p. 97-109, 2014.

ANGONESI, Daniela; SEVALHO, Gil. Atenção Farmacêutica: fundamentação conceitual e crítica para um modelo brasileiro. **Ciência & saúde coletiva**, v. 15, p. 3603-3614, 2010

BATISTA, Sabrina de Cássia Macêdo et al. "POLIMEDICAÇÃO, ATENÇÃO FARMACÊUTICA E CUIDADO FARMACÊUTICO." **J. Biol. Pharm. Agric. Manag.**, vol. 16, no. 4, pp. 455-69, revista.uepb.edu.br/BIOFARM/article/view/2225, 2020.

BECKHAUSER, Gabriela Colonetti et al. Utilização de medicamentos na Pediatria: a prática de automedicação em crianças por seus responsáveis. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 28, p. 262-268, 2010.

BRASIL, **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)>. Acesso em: 02 de abril de 2024.

BRASIL. **PORTARIA Nº 3.916, DE 30 DE OUTUBRO DE 1998**. MINISTÉRIO DA SAÚDE, Brasil. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916\\_30\\_10\\_1998.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/1998/prt3916_30_10_1998.html), 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde, **Portaria. GM nº 1.172, de 15 de junho de 2004**. Regulamenta a NOB SUS 01/96 no que se refere às competências dos entes federados, na área de Vigilância em Saúde, define a sistemática de financiamento e dá outras providências. Diário Oficial da União, v. 17, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Campanha Alerta para o uso racional de medicamentos**. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-nordeste/hu-ufma/comunicacao/noticias/campanha-alerta-para-o-uso-racional-de-medicamentos>, 2018.

CELLA, Elisandra; ALMEIDA, Rodrigo Batista de. Automedicação: enfoque pediátrico. **Revista de Saúde Pública de Santa Catarina**, v. 5, n. 1, p. 72-86, 2012.

CORRER, Cassyano Januário; OTUKI, Michel Fleith; SOLER, Orenzio. Assistência farmacêutica integrada ao processo de cuidado em saúde: gestão clínica do medicamento. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 2, n. 3, p. 9-9, 2011.

CRUZ, M. J. B., Dourado, L. F. N., Bodecan, E. C., Andrade, R. A & Santos, D. F. Uso de medicamentos entre crianças de 0-14 anos: estudo de base populacional. **Jornal de Pediatria**, 90(6), 608-615, 2017.

DA SILVA GRETZLER, Valcione et al. Atuação do farmacêutico no URM e na prevenção de intoxicação medicamentosa: Imagem: Conexão Saúde RJ. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 9, n. edesp, p. 547-550, 2018.

DOMINGUES, Maria Paula Santos et al. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. **Visão Acadêmica**, v. 18, n. 2, 2017.

FILHO, P. C. P. T. & JÚNIOR, A. do C. P. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: fármacos administrados, conhecimentos, motivos e Justificativas. Escola Anna Nery, 17(2), 291-297, 2013

Fundação Oswaldo Cruz - Ministério da Saúde SINITOX - **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas**, Manguinhos, Rio de Janeiro. Acesso em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/>.

GONÇALVES, Claudiana Aguiar et al. Intoxicação medicamentosa: relacionada ao uso indiscriminado de medicamentos. **Revista Científica da faculdade de educação e meio ambiente**, v. 8, n. 1, p. 135-143, 2017.

GOULART, Ivana da Cruz et al. Automedicação em menores de cinco anos em municípios do Pará e Piauí: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 12, p. 165-172, 2012.

KLEIN, Kassiely et al. Automedicação em crianças de zero a cinco anos: práticas de seus cuidadores/familiares. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e520974296-e520974296, 2020.

LIMA, M. F. P., LIMA, D. B. S., OLIVEIRA, F. B., OLIVEIRA, C. C., MACÊDO, M. A. & PEREIRA, T. K. A. A prática da automedicação em criança por pais e Responsáveis. **Holos**, 35(5), 1-13. Doi: 10.15628/holos.2019.5120, 2019.

MARTINELLI, Cristian Gabriela. Automedicação: uma breve abordagem com enfoque em crianças. Faculdade de Educação e Meio Ambiente FAEMA, **Ariquemes**, 2012.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepções de criança, infância e educação dos professores de Educação infantil**. 135p. 2012. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

MARTÍNEZ-SÁNCHEZ, Lidia et al. Disponibilidad en España de «one pill killers» y otros medicamentos altamente tóxicos en la infancia. In: Anales de Pediatría. **Elsevier Doyma**, 2020. p. 380-395.

MATOS, J. F., Pena, D. A. C., Parreira, M. P., Santos, T. do C. & Coura-Vital, W. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, 26 (1), 76-83, 2018.

MEDEIROS RA, PEREIRA VG, MEDEIROS SM. Vigilância em saúde na enfermagem: o caso das medicações sem prescrição em crianças. **Esc Anna Nery**;15:233-7, 2011.

OLIVEIRA, C,M;SILVA;J.A. **Papel do profissional farmacêutico no uso irracional de medicamentos em pacientes pediátricos**. 2014.27f. Monografia.

PERY, Maria Carolina Alencar. **Atenção farmacêutica em pediatria**. 2017. 90 f. Trabalho de conclusão de curso (Farmácia-Bioquímica) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, 2017.

SILVA, Jéssica Gama da et al.,A prática da automedicação em crianças por seus pais: atuação da enfermagem.**Rev. enferm.** UFPE on line, p. 1570-1577, 2018.

SOTERIO, Karine Azeredo; SANTOS, Marlise Araújo. "A automedicação no brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda

livre:umarevisão."Rev.Grad.,vol.9,no.2,3,revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/25673, 2016.

SOUZA, A. L. D. M., Batista, F. F. de A., Tacla, M. T. G. M., Cardelli, A. A. M. & Ferrari, R. A. P. Medication use in children below one-year-old. **Revista Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras**, 20(1), 31-39, 2020

TEIXEIRA, Alina. Considerações sobre a automedicação pediátrica no Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 06, Ed. 05, Vol. 10, pp. 46-56. ISSN: 2448-0959, 2021.